

O ARARIPE.

O ARARIPE é destinado a sustentar as ideias livres, proteger a causa da justiça, e propugnar pela fiel observância da lei, e interesses locais. A redação só é responsavel pelos seus artigos; todos os mais, para serem publicados, deverão vir legalizados.

O preço da assignatura é por um anno 4\$000 pagos a diantados; e por 6 meses sómente 3\$000. O jornal sairá todos os sabbados. Os assignantes terão gratis 8 linhas por mez, as mais serão pagas a 60 reis cada uma. Os ns. avulsos vendem-se a 80rs.

CRATO — TYPOGRAPHIA DE MONTE & COMP. — CAZA DO PIZA. — N.

O PEDRO II. N 1616 E AS ELEIÇÕES DO CRATO.

A lingoagem virulenta e calumniosa com que a folha official da provincia, o Pedro 2º inverte os tristes successos que se deram nesta cidade no dia 8 de setembro, não nos surpreendeu de modo algum. Por certo não precisavamos desta lição, para ficarmos convencidos, de que nem a experiencia nem os exemplos de moderação e tolerancia dados pelo actual gabinete, e pela mór parte de seus delegados nas provincias, podiam de forma alguma transformar os antigos instinctos de um partido, que ja mais poderia sustentar-se sem perseguir, sem caluniar a todo trance, e de todas as maneiras os seus adversarios politicos. Os homens de quem o Pedro 2º é orgão são sempre fieis a seu passado, para elles nunca haverá moralidade em politica.

Que lhes importa que um correligionario, roube, assassine, se tudo isso elles podem moralisar por uma historia bem inventada?

Que lhes importa que um Juis de Direito e um delegado saquaremas ataquem com a força publica uma eleição, se ha entre elles uma penna bastante cynica e corrompida, para innocenta-los e lançar toda a responsabilidade sobre os adversarios embora tenham sido estes os espingardeados?

A vista disso talvez sóra mais conveniente entregarmos ao mais soberano desprezo essa serie de diatribes, que um miseravel rabiscador assalariado pala policia, que uma consciencia vendida lançou sobre nós, e sobre nossos amigos. Mas não, o Pedro 2º é lido fora do Ceará, e é possivel que haja em alguma parte quem lhe dê credito; não nos podemos pois dispensar de dar-lhe a merecida resposta.

Princepia a folha da policia por uma calumnia atrós contra o nosso illustrado e distincto amigo o Dr. Pompeo. Para pormos em relevo tudo quanto ha de perfido e indigno nesta accusação, transcrevemos aqui testualmente o trecho do escriptor loticario.

— Acabamos de receber noticias do Crato, e he ainda sob a impressão triste, que nos causaraõ ellas, que escrevemos este artigo para dar conta ao publico, de como se passaraõ alli as cousas, afim de que em seu juizo inexoravel condemne; como nós condemnamos, áquelles, em cujos calculos a desordem e o assassinio entraõ, como meios ordinarios, de que deve lançar mão, para conseguir uma victoria eleitoral.

Logrou o Sr. padre Pompéo o seu designio! —

Agora saiba o publico inteiro do paiz, que o Sr. Dr. Pompeo em sua viagem ao centro da provincia, passou trinta legoas distante desta cidade, tendo tido occasião demorar-se alguns dias no Icó, d'onde escreveo aos seus amigos deste lugar, nunciando a sua proxima partida daquella cidade, fazendo as suas despedidas, e dizendo que o seu mau estado de saude não lhe permittia chegar até este ponto.

Como é pois que o Pedro 2º tem bastaute coragem, e o arrojo de diser que a viagem do nosso amigo astá escripta com sangue nos lugubres annaes da provincia?

Com effeito custa a crer que haja quem escreva com tanta perversidade e falta de consciencia! Em outro qualquer paiz, que não este em que infelizmente vivemos, esse miseravel assassino da reputação alheia, arrastaria as calcetas, e estaria confundido com os mais vis criminosos.

Continua depois o excriptor assalariado disendo, que não houve parochia na provincia, em que nós tivessesemos authoridade policial ou mesa, ou uma meia dusia de votantes, que não se dessem violencias e escandalos e não provocassemos os seus amigos para a desordem, e que se não tem de lamentar nem uma desgraças nessas localidades, é por que esses amigos sempre trataram de evita-las, e o governo da provincia em tempo tomou adequadas providencias. Aqui esteve sublime o Pedro 2º, fez a apologia dos amigos, purificou-os, porem mostrou-se inteiramente esquecido da historia eleitoral da provincia. Com tudo como os factos á que o contemporaneo se refere, ja foram cabalmente explicados neste jornal, e no Gearense, deixaremos de parte esse pedacinho de ouro e proseguiremos em nossa analyse.

Com o fim unico de manchar a reputação de nosso amigo o dr. Ratisbona, e de expor seu digno irmão, o nosso dedicado amigo o sr. Joaquim Secundo, foi sobre ambos que a folha da policia derramou toda a sua bilis, e as mais calumniosas imputações, e como para isso era mister falsear completamente os factos e calculadamente disfigura-los, não pos duvida alguma foi por diante. Qual será a immortalidade diante da qual trepidem os homens da botica?

Felizmente esses deploraveis successos foram vistos e observados por todos os homens de boa fé; os nossos amigos tem por si a consciencia publica, e o testemunho de pessoas mui respeitaveis no momento do conflito.

Os precedentes que deram lugar aos successos

do dia 8 estão registados na memoria de todos e por si bastam para demonstrar sobre quem deve pesar toda a culpa pelo sangue derramado nesse dia de luto. Se a folha da policia os refere cavilosamente, perde o tempo, o arresto da opinião publica está escripto de um modo irremissivel contra os sceleatos cobardes, que tiveram bastante impiedade, bastante perversidade para ensanguentar o templo de Deus!

Mas não perturbemos a calma com que se deve discutir essas tristes occorrencias, fallemos a linguagem da moderação, que é a unica que pode ser fiel a verdade.

O Pedro 2.^o afirma que os successos do dia 8 foram uma surpresa um resultado de planos da opposição, e que se seus amigos vissem, se teriam precavido contra os desordeiros e assassinos.

Para pulverisarmos essa asserção calumniosa, é de mostrarmos até como esse miseravel rabiscador não teve ao menos habilidade para mentir, basta-nos por agora a logica dos factos. Com tudo não traremos ao publico essas occorrencias insignificantes que se deram na formação da mesa, a respeito de que o nosso amigo o Dr. Ratisbona fez algumas observações com o unico fim de patentear a falta de dignidade, com que os prestimosos do Pedro 2.^o pleiteavam a eleição, e iremos direito aos factos principaes. É inexacto o calculo do contemporaneo sobre a contagem das cedulas, e preconizado triumpho de seus amigos. O *Araripe* numero 61 traz uma apreciação deste calculo, e mostra imparcialmente a quem cabiam as probabilidades do triumpho.

Esta inexactidão porem é desculpavel, são fanfarrices, são drogas que a botica quer dispor por bom preço; deixemo-las passar.

O lançamento das listas sobre a urna que o contemporaneo attribue aos nossos amigos Francisco Duarte que ora está preso, e o sempre lembrado José Landim que a policia assassinou, não provocou uma agitação que justificasse a vinda da força, porque até o momento em que esta chegou nem uma desordem tinha apparecido.

Indicou-se é verdade que se procederia á um exame na urna, e que para isso converia desafogar o recinto da Igreja. Foi infelizmente na execução desta medida que teve lugar a desordem, porque em vez de ser ella confiada ao proprio Juis de Paz, que teria a necessaria prudencia para po-la em pratica; ao contrario entregaram-na a descripção do furibundo delegado Meneses, que como é de seu costume nunca perde vasa para insultar os seus adversarios politicos, e desafectos particulares. Garantido pela força que o innocente dr. Juis de Direito acabava de prestar prontamente a mesa parochial, o delegado Meneses começou a expellir da Igreja para fóra, a todas as pessoas que elle julgava debaixa condição, e então dirigio-se de proposito a um individuo decentemente trajado que estava ao lado de nosso amigo Secundo, e intimou-lhe que sahisse ja e ja. Como o nosso amigo lhe ponderou que aquella pessoa não estava no caso de sair, o delegado que occultava o pensamento de sua vingança e odio, prorompeo em improperios e gritou pelos soldados. Este facto dava-se quasi no meio da Igreja ja defronte das portas de travessa em cada uma das quaes estavam postadas duas sent nellas; então estas partem immediatamente contra o nosso amigo, a o ouvirem a voz do delegado. Neste caso o que devia faser o sr. Secundo? Esperar que o delegado que avançava para elle lhe possesse as mãos? deixar-se primeiramente ferir pelos soldados? Não, mas faser o

que fez, defender-se contra o seu injusto aggressor, que por certo o teria esmagado e mandado espancar a não ser esse acto de natural energia!

E' bello ver aqui como a gasetta policial disfigura este acto do sr. Secundo, que ella diz ter sido desarmado pelos amigos do delegado, quando as pessoas que o desarmaram foram o dr. Ratisbona seu irmão, e os senhores negociantes José da Penha e Felismino Fiusa Lima, ambos da opposição.

Qual porem a razão porque o Pedro 2.^o occultta que no momento em que se dava esse conflicto um irmão do delegado, não chegou a ferir o nosso amigo pelas costas (como faser os valentões,) porque na acção de puchar o punhal homicida foi detido pelo nosso honrado amigo Manoel de Monte!

Porque razão esquece ainda que o sr. Secundo agredido ainda uma vez logo depois por um soldado, defende-se, sem feri-lo, toma-lhe uma baioneta, e esta lhe é immediatamente arriancada das mãos por seu proprio irmão o dr. Ratisbona? Pois saiba o contemporaneo que este acto foi observado por saquaremas, e por pessoas não suspeitas.

Tal era a convicção que tinha o nosso amigo o dr. Ratisbona, de que a força legal não havia ido alli para espingardear a opposição, que a todo trance procurava desarmar seu irmão no meio da luta, e aquietar seus amigos.

Com que interesse pois o Pedro 2.^o disvirtua os factos? Somentemente para lançar o epitheto de sanguinario sobre o nosso amigo o dr. Ratisbona, e desafiar as iras da policia contra seu irmão, lançando-lhe os epithetos de celebre, e desgraçado! Miseravel gasetista quando escreveste essas palavras, sangue, assassino, desgraçado, não temeste de ante de vós os espectros do sempre chorado Major Facundo, e José Simões Branquinho, não recorrestes a memoria para recordardes a vossa bella chronica eleitoral?!

As scenas do Canindé ainda bem recentes, as do Icó em 48, as tentativas de morte contra o Camp. Moreira Rocha e Escrivão Duartes Pinheiro nesta cidade, não vos passarão pela lembrança?

Que os nossos amigos nem um plano de desordem tiveram no dia 8 de setembro, e que não foram aggressores, é cousa tão evidente como a luz. Quem previa que nesse dia teriamos de ser agredidos pela força, que o delegado seria o policia-dor da Assembleia parochial, e praticaria desatinos, insultos e violencias?

Se a opposição é que foi surprehendida em um momento, como podia ella premunir-se? Não vé o contemporaneo, que quando no desespero da defesa, as mãos, os braços são as unicas armas, não se está preparado para a luta?

E' verdade que nosso fallecido amigo Landim, ferido no rosto e na mão por um soldado, que o investio, no desespero d' aggressão lançou mão de um pedaço de tranca de porta e jogou sobre elle. No calor da luta o nosso amigo foi alem da defesa, porque ainda seguiu o cobarde soldado, que o agredio primeiro. Mas isso era bastante para ser espingardeado no sanctuario de Deus?

Cobardes quereis ainda duvidar que a aggressão partio de vossa parte? Esses soldados eram agredidos como diseis, e carregavam friamente as armas no patamar da Matriz, nos pontos em que estavam de guarda, sem que ninguem os obstasse?

Fomos nós os provocadores, e já de antemão mancomunados para a desordem como affirmas, e todavia não offendemos a uma só pessoa do partido saquarema?

Contra quem era pois a nossa conjuraçãõ? contra esses pobres soldados, instrumentos de vosso capricho, que culpa nem uma tinham de vossa perversidade! Com effeito nem a inverosimilhança da historia, que vos pagaram para escrever ferio o vosso pudor de jornalista?

Ao passo que o contemporaneo lança toda a responsabilidade sobre os nossos amigos, vemo-lo todo precavido, e defendendo previamente os seus prestimosos Jaguaribe e Miguel Chavier. Aquelle foi apenas a Igreja para votar, e este tudo concedia aos seus adversarios.

Felizmente os factos tem uma logica mais poderosa, do que a do homem que ganha para escrever.

Todos sabem hoje nesta comarca e sabe lo haõ brevemente em todo o imperio qual a importancia que os senhores Jaguaribe e Miguel Chavier ligavavam as eleições de camaras da comarca. Um por que queria estabelecer o preludio de seu triumpho em novembro para fazer eleger o candidato que o partido lhe impoesses em bem de sua eleição, o outro para dar a supplencia a seu primo o sr. José Vicente Brandaõ, em signal de seo agradecimento!

Todos comprehendem pois, que só aquelles que quisessem fazer triumphar as candidaturas de algum analpabeto, de algum fossil politico, e de um moço inhabilitado para pleitear uma candidatura pelo seu circulo, e sem prestigio para pedi-la a um circulo estranho, é que tinham necessidade de empregar a authoridade, a violencia, a força e a fraude para conseguir um triumpho politico, e de chegar ao ponto de derramar sangue para com elle escrever dous diplomas, que deviam importar a deshonra e a ignominia desta comarca.

Naõ há pois duvida alguma que o contemporaneo cahio em um equívoco a respeito de nosso amigo o dr. Ratisbona, que tendo hoje por si na comarca, o apoio naõ só de seus numerosos parentes como assim de um crescido numero de amigos, que constituem a riqueza, e a illustraçãõ do Crato, naõ precisava intrigar, mentir, subvertar, e derramar sangue para ser eleito deputado.

Ha trinta, e um annos senhores do Pedro 2º, que se fazem eleições no Crato, e ainda naõ derramou-se uma só gota de sangue humano. Esta gloria estava reservada, a esse homem sinistro, que tem o riso nos labios, e o fel no coração, e que no curto periodo de sua vida publica, ha ministrado á historia dos partidos uma chronica horrivel! Falta-lhe salpica-la de sangue, elle veio ao Crato e esta lacuna foi preenchida!

Naõ — Senhores, do Pedro 2º, o sr. dr. Jaguaribe naõ foi a Matriz do Crato unicamente votar. Elle tinha uma outra tarefa a preencher apparecendo no dia 7, e no dia 8 desde amanha até as horas do successo.

Carrancudo e sombrio elle naõ dava palayra a pessoa alguma, e como que presagiava que o drama eleitoral teria um lugubre desfecho naõ só nesta cidade como talvez em toda a comarca.

Aqui elle tinha visto e observado a policia fazer violencias para extorquir os votos do cidadão, havia consentido que os votantes saquaremas, entrassem armados nesta cidade, sem que demonstrasse o mais pequeno signal de reprovaçãõ

Por certo tudo lhe era dado esperar. Para a Barbalha elle havia mandado uma força que teria dado lugar a um conflicto sanguinolento se a opposiçãõ alli naõ se apresentasse armada. Em Missãõ velha seus Thios Daniel Pereira de Azevedo, e

Joaquim Pereira estavam armados com mais de trezentos capangas, fazendo a eleição. Em Milagres haviam soldados da policia.

Agora pois qual a defesa do sr. dr. Jaguaribe? Estar na Igreja, ver os soldados carregarem as armas, naõ evitar o derramamento de sangue, e naõ diser uma palavra quando José Ferreira mandava carregar, e atirar sobre a gente inerme?

Ter se portado depois do successo de uma maneira indifferente que assas desabona o seu caracter de magistrado, e contraria os foros de justo, a quem se julga com direito, porque até agora nem uma satisfaçãõ deu ainda a opiniaõ publica, e ao contrario consente que a opposiçãõ continue a ser perseguida, ao passo que vagam impunes o delegado scelerato, e o soldado assassino!

Ja vae longo este artigo; paremos aqui, e voltemos a materia quando for preciso.

Transcrevemos abaixo a circular que o illustrado Sr. Sergio, presidente de Pernambuco, expedio ás authoridades policiaes da quella provincia. E' uma boa liçãõ do dever que elle dá a seus collegas das presidencias. O Sr. Sergio é um homem inteiramente attento as palavras do governo, e de longo habitudo a exprimir com a maior fidelidade o seu pensamento, como diplomata. Naõ se pode pois duvidar que essa seja a sua ventade, nem taõ pouco, que elle naõ represente com toda lealdade o pensamento de seo governo.

4. SECCAÕ — PALACIO DO GOVERNO DE PERNAMBUCO II DE AGOSTO DE 1856.

Illm. Sr. A minha presença tem chegado, por diversas vias, representações de autoridades e de particulares exprimindo o receio de que uma illegal e reprovada intervençãõ da policia venha tirar aos cidadãos a liberdade de seus votos nas proximas eleições, a que se tem de proceder.

V. S. sabe que na escolha dos Delegados e Subdelegados temos de commum accõrdo procurado collocar, quanto he possivel, á frente da policia pessoas alheias ou superiores ás paixões e influencias das localidades, pessoas de uma posiçãõ independente em relação a essas influencias, inacessiveis em fim ao medo, ao odio, e á amizade.

Nem uma ordem, nem um acto, nem uma só insinuaçãõ de nossa parte tem deixado de contribuir para generalisar na provincia a opiniaõ de que o desejo do governo he que as eleições sejaõ, como devem ser, o resultado das convicções e naõ o da intimidaçãõ. Entretanto convem dar instrucções apropriadas a que o proceder das autoridades policiaes seja em todos os pontos dirigido pelos mesmos principios, e por isso tenho por muito recommendado á V. S. que expeça a todos os Delegados e Subdelegados da provincia instrucções neste sentido.

1. As autoridades policiaes por forma nenhuma empregaraõ os poderes de que saõ revestidas para apoiarem ou guerrearem a candidatura de quem quer que seja. Ellas podem como todos os cidadãos exprimir suas opinões, mas por isso mesmo que exercem autoridade devem ser mais moderadas e comedidas no uso desse direito.

2. Na occasiaõ das eleições deveraõ evitar toda a ostentaçãõ de força.

3. Naõ devem permitir que os votantes se apresentem armados, ou em attitude de ameaça contra os que naõ partilharem suas opinões

4. Deveraõ porem impedir que a pretexto de

buscas de armas se exerção violencias correndo e apalpando cidadãos pacíficos, e por esse modo opprimindo-os, desgostando-os ou evitando que vão votar. Os que trouxerem armas ostensivamente deverãõ ser dellas logo privados, e só se devem corré, para examinar se as trazem occultas, aquelles contra quem houver fundado motivo de suspeita.

5 Deverãõ estar promptas a responder as requisições legaes dos Presidentes das Mezas, e sempre prevenidas para evitar as violencias e intimidações de qual quer lado que hajaõ de partir.

6 Enfim deverãõ por todos os meios da persuazaõ e por uma attitude firme e circumspecta preparar os cidadãos a usarem do direito que vaõ exercer com nobreza, dignidade e tolerancia, e a confiarem da autoridade publica a protecção de suas pessoas contra as violencias dos mal intencionados e dos inimigos da liberdade e da paz publica.

O desvio destes principios naõ pode deixar de trazer funestas consequencias e he de esperar que seguindo-os por sua parte mostrem os povos desta provincia que cada vez se tornaõ mais dignos dos direitos que tanto tem custado a firmar, e que o governo e seus agentes de todas as ordens se esforceõ por manter illésos.

As autoridades cumpriraõ os seus deveres na esperança de que terãõ o apoio e a simpatia de todos os homens de honra e dignos do nome de cidadãos.

Deos G. a V. Mercê — *Sergio Teixeira de Macêdo.*
Sr. Dr. Chefe de Policia.

NOTICIAS.

Por particulares vindos da Capital tivemos noticias dalli, que alcançãõ até 25 de setembro passado. — A opposiçãõ tinha vencido a eleiçãõ em Maria Pereira, Queixeramobini, Imperatriz, Aracaty, Russas, Santa Cruz e Canindé. No Baturité tãmbem perdeu o Vice Presidente Herculano, logrando, á força de fraudes e violencias, nullificar os exfoços do partido liberal em muitas localidades.

— O Sr. Herculano tinha recebido com desanimo a relaçaõ dos successos do Crato, coacto entre o dever e as imposições da botica, temendo de um lado seo desagrado e de outro o desconceito perante o governo geral, tomou medidas que endicãõ em que desordem se acha seo acanhado espirito. Felismente porem no seo delirio e confusãõ assignou a nomeaçãõ do sr. Capitãõ Baptista para commandante geral dos destacamentos desta comarca e para o lugar de delegado deste termo, de que após longa hesitaçãõ, se aprouve de demittir, o sr. José Ferreira de Meneses.

Cearã 22 de Setembro de 1856.

Para ahi deve partir o sr. Capm. Baptista d' manhã até ao depois: elle não vai estar debaixo das ordens dos assassinos de lá, vai para impedir o derramamento de mais sangue = deve-se esperar isto delle, por ser homem honesto, e por me terem dito que podia escrever aos meos de lá, dizendo-lhes q' elle não ia satisfazer caprixos de ninguem. — Homem de reconhecida incapacidade, o sr. Herculano, não soube a que se pegasse. Demittio de Subdelegado de policia da Barbalha o sr Araujo, pessoa alli mui importante, e grandemente relacionado, revelando o seo desagrado por ter este nosso distincto amigo obstado, que a força de linha espingardeasse o patido liberal no dia 7 de setembro.

Para complemento deste acto estúpido e odioso deveria ter nomiado um Quesado, para o substituir! Ignoramos porem a quem terá confiado esse lugar.

Podemos offirmar, que si tal dimissãõ foi dada

com intuito de amedrentar nossos amigos, o sr. Herculano perdeu seo tempo.

— Esperava-se o sr. Paz Barreto a todo o momento, e conta-se que seo proceder será regulado pelas inspirações do governo central, que ja por seus actos, ja pelos de seus delegados nas provincias, assás tem revelado o seo proposito de manter a liberdade do voto do cidadão. As medidas tomadas na Corte pelo sr. Godoy, em Pernambuco pelo sr. Sergio e bem assim por outros muitos presidentes tem levado a convicção a todos da sinceridade do Governo. — Foi appresentada ao Vice-presidente a queixa que contra o sr. Jaguaribe e José Ferreira, endereçou a Senhora D. *Izabel de Macedo Landim*, viuva de nosso infelis amigo Landim, a que acompanhou a camisa que vestia nesse dia fatal. O sr. Herculano supinamente incapaz de funcções, que estão muito a cima de seo merito, pretendeo tranquilisal-a, promettendo-lhe justiça mas não deo uma unica providencia que tendesse a reclusãõ dos accusados,

A esta hora esse homem não estará mais sentado na cadeira presidencial, q', para vergonha nossa, occupou.

Ja deve ter chegado ao Throno a representaçãõ que a infelis Sr.^{ta} D. *Izabel*, endereçou pedindo justiça e puniçãõ contra os srs. José Ferreira e Jaguaribe.

Da Corte haviãõ na Capital datas recentes. O sr. Paraná ja se achava restabelecido da saude.

O sr. Miguel Fernandes não tinha podido obter sua aposentaria. Está pois impossibilitado de ser votado para a seguinte legislatura.

O governo geral estava no pensamento de proteger a candidatura dos srs. Pompeo, Alencar e P. Piuto.

PUBLICAÇÕES A PEDIDO.

Illm.^o Senhor Montisuma.

Agoa e conselho, diz o rifãõ, só se dá a quem pede; maz nem por isto deixa de ser huma obra meritoria dar bons conselhos. Não he prudente, não he mesmo legal, que V. m. abandone sua aula dias e dias para andar mascateando fazendas pelas feiras de Porteiras e Jardim. Assim obrando, em prejuizo de sua reputaçãõ de assiduo, V. m. inda se faz outro mal, que vem a ser, degradar-se hum pouco da attitude grave e respeitosa, que deve manter, como empregado da instrucção, gente, que urge ser mui circumspecta. Está bem visto que o povo consagra pouco respeito à huma pessoa, que sentado debaixo de huma latada com huma mala de fazendas entre as pernas e de todos os lados cercado de gentes grosseiras e abjectas, põr-se a gritar em pleno auditorio: = Cheguem fregueses, ajudem seo pae, que he velho! . . .

Acho que este papel não lhe assenta; a hum rapaz ficaria melhor Desejo-lhe saude. Até a feira. Seo patricio e amigo. O TRONXO.

— He este o sabãõ senhor Redactor para lavar a noventa lama que com seus furiosos sopros salpicou-me o sr. tenente coronel JOSÉ FRANCISCO PEREIRA MAIA Nada tenho a diser só me resta formalmente repellir-lo, e diser lhe que por portas travessas, ou nos rodas das calçadas não pode s. s. dar uma justificaçãõ que satisfaga, tendo despresado o mais justo convite. Engenho do Meio 1.^o de Outubro de 1856 *Joaquim Gonsalves da Costa.*

— O abaixo assignado avisa as pessoas que tiverem letras ou conta vencidas em sua casa, que venhao pagar ao encarregado do recebimento das mesma a seu mano Antonio José da Costa e em falta delle a João Gomes Leitão. Crato 3 de Outubro de 1856.

Joaquim José da Costa.

Imp. por J. Briseno da S.